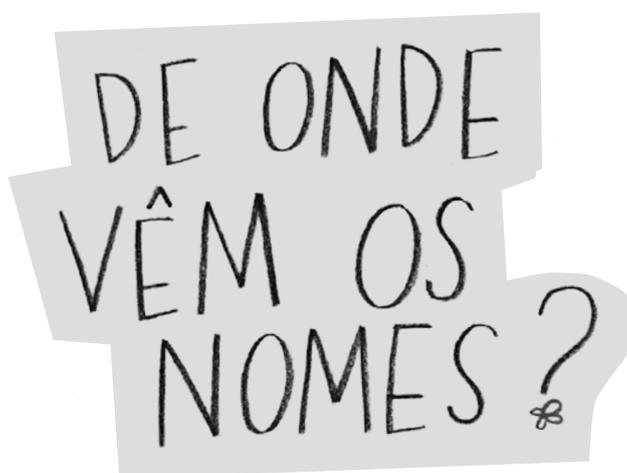




ILAN BRENMAN



-
- Leitor em processo – 2º e 3º anos do Ensino Fundamental

PROJETO DE LEITURA

Coordenação: Maria José Nóbrega
Elaboração: Tom Nóbrega

De Leitores e Asas

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*“Andorinha no coqueiro,
Sabiá na beira-mar,
Andorinha vai e volta,
Meu amor não quer voltar.”*



Numa primeira dimensão, ler pode ser entendido como decifrar o escrito, isto é, compreender o que letras e outros sinais gráficos representam. Sem dúvida, boa parte das atividades que são realizadas com as crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental têm como finalidade desenvolver essa capacidade.

Ingenuamente, muitos pensam que, uma vez que a criança tenha fluência para decifrar os sinais da escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estariam lá, no texto, bastando colhê-los.

Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a dizer em que lugar estão a andorinha e o sabiá; qual dos dois pássaros vai e volta e quem não quer voltar. Mas será que a resposta a estas questões bastaria para assegurar que a trova foi compreendida? Certamente não. A compreensão vai depender, também, e muito, do que o leitor já souber sobre pássaros e amores.

Isso porque muitos dos sentidos que depreendemos ao ler derivam de complexas operações cognitivas para produzir inferências. Lemos o que está nos intervalos entre as palavras, nas entrelinhas, lemos, portanto, o que não está escrito. É como se o texto apresentasse lacunas que devessem ser preenchidas pelo trabalho do leitor.

Se retornarmos à trova acima, descobriremos um “eu” que associa pássaros à pessoa amada. Ele sabe o lugar em que está a andorinha e o sabiá; observa que as andorinhas migram, “vão e voltam”, mas diferentemente destas, seu amor foi e não voltou.

Apesar de não estar explícita, percebemos a comparação entre a andorinha e a pessoa amada: ambas partiram em um dado momento. Apesar de também não estar explícita, percebemos a oposição entre elas: a andorinha retorna, mas a pessoa amada “*não quer voltar*”. Se todos estes elementos que podem ser deduzidos pelo trabalho do leitor estivessem explícitos, o texto ficaria mais ou menos assim:

*Sei que a andorinha está no coqueiro,
e que o sabiá está na beira-mar.
Observo que a andorinha vai e volta,
mas não sei onde está meu amor que partiu e não quer voltar.*

O assunto da trova é o relacionamento amoroso, a dor de cotovelo pelo abandono e, dependendo da experiência prévia que tivermos a respeito do assunto, quer seja esta vivida pessoalmente ou “vivida” através da ficção, diferentes emoções podem ser ativadas: alívio por estarmos próximos de quem amamos, cumplicidade por estarmos distantes de quem amamos, desilusão por não acreditarmos mais no amor, esperança de encontrar alguém diferente...

Quem produz ou lê um texto o faz a partir de um certo lugar, como diz Leonardo Boff*, a partir de onde estão seus pés e do que veem seus olhos. Os horizontes de quem escreve e os de quem lê podem estar mais ou menos próximos. Os horizontes de um leitor e de outro podem estar mais ou menos próximos. As leituras produzem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto.

Se refletirmos a respeito do último verso “*meu amor não quer voltar*”, podemos indagar, legitimamente, sem nenhuma esperança de encontrar a resposta no texto: por que ele ou ela não “*quer*” voltar? Repare que não é “*não pode*” que está escrito, é “*não quer*”, isto quer dizer que poderia, mas não quer voltar. O que teria provocado a separação? O amor acabou. Apaixonou-se por outra ou outro? Outros projetos de vida foram mais fortes que o amor: os estudos, a carreira, etc. O “eu” é muito possessivo e gosta de controlar os passos dele ou dela, como controla os da andorinha e do sabiá?

* “Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.”
A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana (37ª edição, 2001), Leonardo Boff, Editora Vozes, Petrópolis.

Quem é esse que se diz “eu”? Se imaginarmos um “eu” masculino, por exemplo, poderíamos, num tom machista, sustentar que mulher tem de ser mesmo conduzida com rédea curta, porque senão voa; num tom mais feminista, poderíamos dizer que a mulher fez muito bem em abandonar alguém tão controlador. Está instalada a polêmica das muitas vozes que circulam nas práticas sociais...

Se levamos alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler na dimensão que descrevemos é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois para alguns textos seremos sempre leitores iniciantes.



DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Contextualiza-se o autor e sua obra no panorama da literatura para crianças.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para permitir que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa considerar a pertinência da obra levando em conta as necessidades e possibilidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Procuramos evidenciar outros aspectos que vão além da trama narrativa: os temas e a perspectiva com que são abordados, certos recursos expressivos usados pelo autor. A partir deles, o professor poderá identificar que conteúdos das diferentes áreas do conhecimento poderão ser explorados, que temas poderão ser discutidos, que recursos linguísticos poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora do aluno.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Ao ler, mobilizamos nossas experiências para compreendermos o texto e apreciarmos os recursos estilísticos utilizados pelo autor. Folheando o livro, numa rápida leitura preliminar, podemos antecipar muito a respeito do desenvolvimento da história.

As atividades propostas favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.

- ✓ Explicitação dos conhecimentos prévios necessários para que os alunos compreendam o texto.
- ✓ Antecipação de conteúdos do texto a partir da observação de indicadores como título (orientar a leitura de títulos e subtítulos), ilustração (folhear o livro para identificar a localização, os personagens, o conflito).
- ✓ Explicitação dos conteúdos que esperam encontrar na obra levando em conta os aspectos observados (estimular os alunos a compartilharem o que forem observando).

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos significados do texto pelo leitor.

- ✓ Leitura global do texto.
- ✓ Caracterização da estrutura do texto.
- ✓ Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.

c) depois da leitura

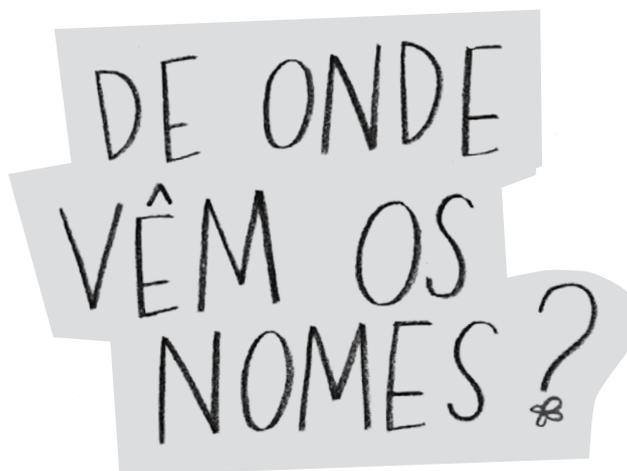
Propõem-se uma série de atividades para permitir uma melhor compreensão da obra, aprofundar o estudo e a reflexão a respeito de conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como debater temas que permitam a inserção do aluno nas questões contemporâneas.

- ✓ Compreensão global do texto a partir da reprodução oral ou escrita do texto lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- ✓ Apreciação dos recursos expressivos mobilizados na obra.
- ✓ Identificação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- ✓ Explicitação das opiniões pessoais frente a questões polêmicas.
- ✓ Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar ou para a produção de outros textos ou, ainda, para produções criativas que contemplem outras linguagens artísticas.

LEIA MAIS...

- ✓ do mesmo autor
- ✓ sobre o mesmo assunto
- ✓ sobre o mesmo gênero

ILAN BRĒNMAN



- Leitor em processo — 2º e 3º anos do Ensino Fundamental

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Ilan Brenman tem um amor profundo pelas mais diversas narrativas. Esse afeto está ligado diretamente à origem do autor, pois ele é israelense, naturalizado brasileiro, filho de argentinos, neto de poloneses e russos. Psicólogo de formação, Ilan é mestre e doutor pela Faculdade de Educação da USP, já ministrou centenas de cursos e palestras pelo país afora, sempre discutindo a importância das histórias lidas e contadas oralmente na vida de bebês, crianças, jovens e adultos. Possui mais de 50 livros publicados (além de vários no exterior), entre os quais *Até as princesas soltam pum* (Brinque-Book, 2008) seu *best-seller*. Muitas de suas obras ganharam selos de Altamente Recomendável da FNLIJ, além de participarem do catálogo da Feira de Bolonha, Itália. Em 2019, tornou-se autor exclusivo da Editora Moderna. Para saber mais sobre o autor, acesse: www.bibliotecailanbrenman.com.br.

RESENHA

Alexandre é nome de guerreiro, quer dizer “aquele que afugenta os inimigos”; já *Beatriz* é nome de alguém que faz alguém feliz. *Cássio*, em latim, quer dizer sábio. *Débora* quer dizer “abelha”, nome do ser dedicado a quem fabrica mel. *Eduardo* é o guardião do tesouro. *Flávia* tem cabelos loiros. *Gilberto* tem a precisão de um arqueiro. *Helena* brilha como uma tocha. *Isaac* deveria estar sempre risonho. *Juraci* é mãe das conchas. *Kauã*, em tupi, significa *gavião*. *Leila* significa *noite* em árabe.

Márcio vem do latim, evocando o deus greco-romano *Marte*. *Neusa* é exímia nadadora. *Otávio* é o oitavo irmão. *Patrícia* tem origem nobre. *Quincas* é apelido de Joaquim, que quer dizer “aquele que quer parar o sol”. *Rebeca* nos enlaça. *Sebastião* nos faz ter vontade de fazer uma reverência. *Tainá* aponta para a noite estrelada. Em *De onde vêm os nomes?*, mergulhamos em um delicado abecedário de nomes.

“O nome é a nossa entrada na comunidade humana”, nos diz Ilan Brenman, no texto de abertura desse livro em que, de modo delicado, o autor se propõe a desvendar para o pequeno leitor a origem de alguns nomes próprios. O processo de escolha do nome de alguém que nasce não é simples, em geral: costuma envolver discussão e negociação entre os familiares da criança. Muitos fatores podem interferir na escolha de um nome: homenagem a outras pessoas da família, canções, personagens da literatura e da cultura popular e até mesmo referências bíblicas. Nem sempre, porém, sabemos o significado e a origem de nossos nomes. Descobrir como palavras com origem em diferentes culturas reaparecem, transformadas, em outras, nos faz pensar nos fluxos migratórios e contaminações culturais que perpassam a história dos povos humanos.

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: verbete de curiosidade.

Palavras-chave: nome próprio, palavra, etimologia, história, civilizações, identidade.

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, História, Geografia.

Temas contemporâneos tratados de forma transversal: Diversidade cultural.

Público-alvo: Leitor em processo (2º e 3º anos do Ensino Fundamental).

SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES

Antes da leitura

1. Mostre aos alunos a capa do livro. Qual poderia ser a relação entre o título e a ilustração? Veja se notam como a imagem mostra quatro personagens de tipos físicos diferentes, todos com um sorriso aberto e um olhar sonhador.

2. Reflita um pouco com a turma a respeito da pergunta que dá título ao livro *De onde vêm os nomes?* Será que os alunos já pararam para pensar nisso? Para que servem os nomes próprios?

3. Leia com a turma o texto da quarta capa do livro, que reformula de modo mais preciso a pergunta do título, direcionando-a diretamente ao leitor: *Já parou para pensar qual é a origem do seu nome?* Pergunte aos alunos se sabem algo sobre a origem do seu. Estimule a turma a, em pequenos grupos, fazer especulações a respeito do possível significado de seus próprios nomes.

4. Leia com a turma o texto de abertura do livro e proponha que perguntem aos pais ou familiares como se deu o processo de escolha de seu nome. Deixe que compartilhem suas histórias com o restante da turma.

5. Discuta com a turma a seguinte frase, presente tanto no texto da quarta capa quanto no texto de abertura: “O nome é a nossa entrada na comunidade humana, a partir dele é que seremos apresentados ao mundo”. Por que será que o autor afirma que nosso nome nos introduz na *comunidade humana*? Proponha aos alunos que façam o exercício de imaginar como seria viver num mundo sem nomes.

6. Leia a seção *Autor e obra* no final do livro, que traz as biografias de Ilan Brenman e Mariana Newlands.

Durante a leitura

1. Chame a atenção para a diagramação do livro: a) nas páginas ímpares, encontramos sempre o nome cuja origem vai ser desvelada em destaque, escrito com letras de fôrma coloridas em tamanho irregular, que remetem à grafia manuscrita; b) nas páginas pares, há uma ilustração que evoca o significado do nome em questão.

2. Será que as crianças percebem que os nomes apresentados pelo livro aparecem em ordem alfabética?

3. Proponha aos alunos que façam uma lista das línguas de origem dos nomes apresentados pelo livro: grego, latim, hebraico, anglo saxão, alemão, tupi, árabe, russo...

4. Chame a atenção da turma para o uso do negrito e das letras maiúsculas no decorrer do texto.

5. Diga aos alunos que prestem atenção nas coloridas ilustrações que acompanham o texto: de que maneira elas evocam o significado de cada nome? Veja se percebem que as imagens de Mariana Newlands possuem linhas e contornos bastante marcado que por vezes são preenchidos, por vezes não. Veja se percebem como, em alguns casos, a ilustradora opta por preencher algumas das imagens com padrões que remetem a tecidos estampados ou papéis de parede.

6. Mostre para a turma a bibliografia que aparece ao final do texto. Explique para que serve uma bibliografia.

Depois da leitura

1. Quais nomes dos alunos aparecem entre os nomes do livro? Quais não figuram na lista, e ainda é preciso descobrir? Proponha uma dinâmica para que os alunos criem verbetes inspirados nos criados por Ilan Brenman: a) escreva os nomes que não figuram no livro em um papel; b) organize a turma em duplas ou trios em função da quantidade de nomes, para que cada grupo sorteie um dos nomes; c) proponha aos alunos que consultem livros sobre etimologia dos nomes ou a internet para descobrir a origem do nome sorteado

e, em seguida, criar um pequeno verbete explicando o sentido do termo com suas próprias palavras, à maneira de Ilan Brenman; d) redistribua os verbetes entre os grupos e proponha que cada um crie uma ilustração para o texto. Caso não encontre a definição dos nomes, sugira que escrevam um pequeno parágrafo a respeito daquilo que a sonoridade do nome evoca. Crie uma publicação com os verbetes escritos pelos alunos.

2. Alguns nomes têm formas no masculino e no feminino; outros podem ser escritos com diferentes grafias; outros são apelidos e/ou contrações de outros nomes; muitos têm nomes equivalentes em diferentes regiões do mundo. Proponha aos alunos que procurem descobrir quais dos nomes da classe, apesar de diferentes, remetem a uma etimologia comum. Por exemplo: Tiago, que quer dizer “aquele que vem pelo calcanhar”, deriva do espanhol Santiago, que é uma versão do hebraico Jacó. Outros nomes comuns em português, como Diogo e Jaime, possuem a mesma origem – assim como o nome francês Jacques.

3. Entre os Yanomamis a relação com os nomes é muito diferente. Leia com os alunos as primeiras páginas do capítulo *Desenhos de escrita*, do livro *A queda do céu*, de Davi Kopenawa, publicado pela Companhia das Letras, em que o xamã e ativista indígena explica que, entre os seus, não existem exatamente nomes próprios, mas sim apelidos. O pai e a mãe não dão nomes à criança, a chamam simplesmente de *ose*, que quer dizer *filho(a)*: são os outros membros da família, como tios e tias, que lhe darão um apelido, a partir de seus hábitos e características. Kopenawa conta como, para a sua gente, é muito ofensivo que alguém pronuncie seu nome em voz alta em sua presença; e é particularmente imperdoável pronunciar o nome de alguém que morreu. O nome *Davi*, conta ele, foi-lhe dado por missionários que adentraram sua região. É possível encontrar o capítulo em pdf em: <https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/12959.pdf> (acesso em: 10 jun. 2019).

4. Existem muitas canções famosas intituladas com nomes próprios: escute com a turma algumas que se tornaram bastante marcantes na música brasileira, como *Carolina*, *Beatriz* e *Lígia*, de Chico Buarque; *Meu amigo Pedro*, de Raul Seixas; e *Eduardo e Mônica*, da banda Legião Urbana. Em seguida, proponha aos alunos que façam uma lista de outras canções que falam de nomes que conheçam, e sugira que preparem uma *playlist* de canções com nomes de pessoas. Algumas das crianças da turma têm uma canção com o seu nome?

5. No verbete de *Ulisses*, Ilan Brenman comenta que a *Odisseia*, de Homero, é uma história imperdável. Proponha aos alunos uma pesquisa a respeito dessa obra que é considerada um dos maiores clássicos da história. Sugira que leiam a versão adaptada por Ruth Rocha publicada pela editora Salamandra, e selecione uma passagem do poema épico original para ler com a turma.

LEIA MAIS...

DO MESMO AUTOR E SÉRIE

- *Abacadabra – de onde vêm as palavras?* São Paulo: Moderna.
- *O que escondem as palavras?* São Paulo: Moderna.

SOBRE O MESMO ASSUNTO

- *Diário de classe*, de Bartolomeu Campos de Queirós. São Paulo: Moderna.
- *De letra em letra*, de Bartolomeu Campos de Queirós. São Paulo: Moderna.
- *O livro das línguas*, de Ruth Rocha e Otávio Roth. São Paulo: Melhoramentos
- *O livro da escrita*, de Ruth Rocha e Otávio Roth. São Paulo: Melhoramentos.
- *Paca, tatu e cotia! Glossário ilustrado de tupi*, de Mouzar Benedito. São Paulo: Melhoramentos.



LEITURA EM FAMÍLIA

A leitura, quando não é estimulada no ambiente familiar, acaba sendo percebida pelas crianças como uma prática essencialmente escolar. No entanto, estudos revelam que, se pais, avós, tios, padrinhos leem em voz alta com os pequenos e conversam a respeito do conteúdo lido, essas vivências ajudam as crianças a gostar de livros, aguçam a criatividade e diversificam sua experiência de mundo.

É por acreditar que a leitura deve ser vivenciada regularmente não apenas na escola que a Moderna desenvolve o programa "Leitura em família", para proporcionar uma interação cada vez maior com os filhos e se integrar mais com a escola na missão de educar.

No final do livro, é possível encontrar o *link* com sugestões para aproveitar o máximo desta obra em família.

Reforce essa ideia com a família de seus alunos!